

Mário Altenfelder: Exemplo e Modelo de Grandeza

Adolfo Lemes Gilioli



Não podemos deixar passar estes dias – carentes de ações pertinentes e de atitudes relevantes, infestados de manifestações incoerentes, cínicas e despudoradas – sem manifestar a nossa repulsa. A cada dia que passa o deboche e a indecência crescem, contaminando as nossas esperanças de uma vida mais digna. Nós, que jamais nos acomodamos em berço esplêndido, não conseguimos ficar calados, embora estejamos amargurados. Precisamos bradar e insistir a nossa recusa a esse estado de coisas, *que nem sempre foi assim tão calamitoso*.

É nosso dever transmitir às novas gerações que existiram outros modelos de conduta em relação à coisa pública e de respeito com o ser humano. Não poderíamos encontrar exemplo mais emblemático de cidadão digno, ético por excelência, modelo de virtudes, que as novas gerações precisam saber que existiu: Mário Altenfelder, doutor pela Faculdade de Medicina da USP.

Dr. Mário, já no seu tempo de estudante, destacou-se como pessoa conscienciosa e de boa índole, quando presidiu o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Sete anos

depois de formado, participou da Revolução Constitucionalista de 1932, o que lhe bastou para descobrir que devia precaver-se dos fluidos da política partidária. Sim, porque “política” – como arte de governar com correção e sabedoria no trato das relações humanas – Mário exerceu por seis anos e com muito orgulho, quando no cargo de provedor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Escrevemos, emocionados, sobre esse pediatra dotado de magnífica riqueza íntima, Mário Altenfelder, famoso por ter durante quarenta anos cuidado de crianças, com louvável carinho, e que no governo Carvalho Pinto desempenhou com raro brilho o cargo de diretor do Serviço Social de Menores. Emocionados, repetimos, porque em 9 de agosto de 2007 ocorreu o centenário do seu nascimento, e em 6 de agosto deste 2008 ocorrerá o meio centenário da operação do coração de minha filha Magaly, que veio a se realizar graças à ação da alma sublime do Dr. Mário, conforme relato a seguir. Eu morava no bairro da Lapa, quase divisa com Vila Pompéia. Minha querida esposa Adi costumava levar, sempre que a bronquite asmática se manifestava, nosso filho primogênito, Adolfo, ao consultório desse pediatra, que era na sua própria residência. Em uma dessas ocasiões, o Dr. Mário, interrompendo o exame que procedia no Adolfinho, perguntou:

– Dona Adi, o que há com essa linda Magaly?

– Ora, Dr. Mário, não há nada. Ela não tem nada. Está aqui apenas como acompanhante.

Dr. Mário pegou a Meg, colocou-a sobre a mesa, auscultou o seu coraçãozinho e disse à Dona Adi:

– Amanhã mesmo a senhora deve levar a menina ao Hospital das Clínicas. Procure o Dr. Zerbini, fale em meu nome, peça-lhe para examiná-la.

E assim foi feito. Não preciso descrever a angústia que tomou conta de todos nós. Meg foi internada. Vários exames foram feitos e, enquanto esperávamos a operação ser marcada, Adi e eu burlávamos a vigilância do hospital. Eu passava a noite no quarto com Meg e com as outras pacientes (todas crianças). Adi, sempre usando avental branco para se confundir com as enfermeiras, comparecia

todos os dias e ajudava a cuidar daquelas crianças, todas acometidas de graves doenças cardíacas. Logo de início descobrimos que havia casos ainda mais graves que o da nossa filha, posto que algumas já estavam condenadas. Ficávamos amparando, conversando e afagando aquelas crianças, algumas sem qualquer chance de cura. Nossa filha, inocentemente, estava feliz porque estávamos por perto, mesmo que não estivéssemos junto a sua cama, e sim cuidando de outra criança.

No dia 6 de agosto de 1958, após termos assinado um documento isentando os médicos do que pudesse acontecer – tamanho era o risco daquela cirurgia – Magaly, que acabara de completar seis anos, foi operada, graças a Deus, com sucesso. Essa operação foi a última realizada pelo perigosíssimo método de hipotermia, isto é, excessiva queda de temperatura. A iluminada e abençoada equipe do Dr. E. Jesus Zerbini era também formada pelos Drs. Adib Jatene, Sawaia e Décourt.

No mês de agosto de 1977, o *Jornal da Terra* – órgão de divulgação de Águas de São Pedro e região – sob a minha direção, homenageou no Centro Comunitário da Estância de Águas de São Pedro o dedicado e admirável então Secretário da Promoção Social do Estado de São Paulo, Dr. Mário Altenfelder. Na ocasião, o nosso ilustre “anjo da guarda” recebeu uma emocionada homenagem da Profa. Adi Gaudêncio Lemes Gilioli. Somos eternamente gratos ao Dr. Mário, que, iluminado por essa entidade superior que dá força e sentido à vida – Deus – propiciou, intervindo no momento certo, a salvação da vida de Meg, que neste ano de 2008 completará 56 anos.

Ao Dr. Mário Altenfelder, esta grande alma, como tão raramente encontramos outra similar nos dias de hoje, rendemos sinceras homenagens, ao mesmo tempo que apresentamos seu exemplo para as novas gerações.

Adolfo Lemes Gilioli

Presidente Emérito da Academia Cristã de Letras

Caderno de Anotações

Fã

Você já invejou alguma pessoa a ponto de querer esganá-la? De conhecer alguém tão perfeito em tudo o que faz e ficar com raiva? Se a resposta for positiva, não se preocupe. Os especialistas dizem que é um sentimento normal. Normal não seria levar esse desejo até às últimas conseqüências. Três filmes já foram dedicados a esse tema: “O assassinato de Jesse James pelo covarde Robert Ford”, dirigido por A. Dominik, o “O rei da comédia”, dirigido por M. Scorsese e “Amadeus”, que conta a história de Mozart. O que leva um fã (palavra derivada de *fan*, de *fanatic* – fanático) a querer exterminar, *literalmente*, seu ídolo, como aconteceu com John Lennon e Ghandi? Aqui vale um parêntese: o sujeito maduro admira e o imaturo *venera*. O fã, talvez com um ego, com uma subjetividade enfraquecidos, acha que a causa da sua infelicidade, por não conseguir possuir as qualidades invejadas, esteja no *próprio ídolo* e, assim, coloca em prática a idéia de destruí-lo. Em outras palavras, a pessoa doentamente invejosa acredita que só matando o ídolo é que ele ficará livre dessa obsessão. No filme sobre Jesse James é mostrado que ele foi morto não pela polícia (xerife), e sim por alguém do próprio bando, um invejoso covarde. No filme, “O rei da comédia”, com Jerry Lewis e Robert De Niro, um fã, por querer ser igual ao idolatrado, um apresentador de televisão, chega a seqüestrá-lo.

Hospital

Bom dia. É da recepção? Eu gostaria de falar com alguém que me desse informações sobre um paciente. Quería saber se certa pessoa está melhor ou piorou. Qual o nome do paciente?. Chama-se Alberto e está no quarto 405. Um momentinho, vou transferir a ligação para o setor de enfermagem. Bom dia, sou a enfermeira Lourdes. O que deseja? Gostaria de saber as condições clínicas do paciente Alberto, do quarto 405, por favor! Um minuto, vou localizar o médico de plantão. Aqui é o Dr. Rui, plantonista. Em que posso ajudar? Olá, doutor. Precitaria que alguém me informasse sobre a saúde de Alberto, que está internado há várias semanas no quarto 405. Ok, meu senhor, vou consultar o prontuário do paciente... Um instante só, um minuto! Aqui está, ele se alimentou bem hoje, a pressão arterial e o pulso estão estáveis, responde bem à medicação prescrita e vai ser retirado do monitor cardíaco até amanhã. Continuando assim, o médico responsável assinará a alta em três dias. Ah, graças a Deus! Notícia maravilhosa! Que alegria! Pelo seu entusiasmo, deve ser alguém muito próximo, certamente da família! Não, sou o próprio Alberto telefonando aqui do 405. É que todo mundo entra e sai deste quarto e ninguém me diz p... nenhuma. Eu só queria saber como estou!

Bateu com as dez

Existem palavras que despertam tanto medo que as pessoas inventam as mais diversas maneiras de representá-las. Criam eufemismos. Por exemplo: diabo e morte, chamados por uma infinidade de nomes. É só olhar no dicionário e ver a quantidade de sinônimos que essas palavras têm. Leitores de bulas de remédios, quando lêem que um dos efeitos colaterais do medicamento pode ser a morte, devem ficar perplexos. Como receitar um remédio que pode matar? No entanto, mais perplexos ainda ficam com o eufemismo criado pelos médicos (ou, talvez, pelos advogados do laboratório) para a palavra morte – *existus letalis*. Já pensou se a moda pega? “E seu avô, como vai?” – “Nada bem. Ele foi acometido por *existus letalis* no ano passado”. Quanta elegância! Talvez mais elegante do que dizer escafedeu-se, bateu com as dez, esticou as canelas, abotoou o paletó de madeira etc.

Nem tudo é fácil

“É difícil fazer alguém feliz, assim como é fácil fazer triste. É difícil dizer eu te amo, assim como é fácil não dizer nada. É difícil valorizar um amor, assim como é fácil perdê-lo. É difícil se convencer de que se é feliz, assim como é fácil achar que sempre falta algo. É difícil fazer alguém sorrir, assim como é fácil fazer alguém chorar. É difícil colocar-se no lugar de alguém, assim como é fácil olhar para o próprio umbigo. Se você errou, peça desculpas. É difícil pedir perdão? Mas quem disse que é fácil ser perdoado? Se alguém errou com você, quem disse que é fácil se arrepender? Se você sente algo, diga. É difícil se abrir? Mas quem disse que é fácil encontrar alguém que queira escutar? Se alguém reclama de você, ouça. É difícil ouvir certas coisas? Mas quem disse que é fácil ouvir você? Se alguém te ama, ame-o. É difícil entregar-se? Mas quem disse que é fácil ser feliz? Nem tudo é fácil na vida. Mas, com certeza, nada é impossível”.

José Carlos Barbuio
Advogado e Escritor

O Homem e seu Coração

Hudson Hübner França



A curiosidade, com frequência, precede o conhecimento e, por causa disso, abre caminho ao progresso. Foi graças a curiosidade – muitas vezes com ajuda do acaso – que o homem domesticou o fogo que roubara dos céus, inventou instrumentos para o trabalho e a guerra, descobriu propriedades curativas nas plantas, tornou veloz sua locomoção, mandou sua imagem e voz a distâncias incríveis por meio do éter e criou uma tecnologia capaz de proporcionar à humanidade uma vida de paz e de conforto.

E foi assim, também, que montou o apocalipse da guerra atômica.

Eu imagino a curiosidade do primeiro homem, no silêncio imenso das noites primevas, deitado na grama, descuidado, enquanto olhava as estrelas do céu com a perplexidade inocente de quem não lhes sabe o nome ou o sentido, quando percebeu que alguma coisa se mexia, alguma coisa batia dentro de seu peito, como se fosse um animal que caminhasse lenta e compassadamente. Também não é difícil imaginar o seu espanto no dia em que, ante a proximidade do animal feroz que lhe rondava a caverna, sentiu saltar no peito, violentamente, este animal que em um outro tempo, em algum lugar, alguém chamaria de coração.

Não deve ter passado muito tempo desde esse primeiro momento de espanto, para que o homem primitivo identificasse no peito aberto de um inimigo agonizante ou em uma caça recém-abatida, aquilo que tanto o intrigara. Na civilização micênica já se conhecia bem o coração e

sabia-se que ele palpitava. O Papiro de Ebers vai mais longe, diz que o coração se comunica com todo o corpo e com ele fala através dos vasos que pulsam.

Ao mesmo tempo em que se ia conhecendo a estrutura do coração, embora de modo rudimentar, surgiram as primeiras interpretações a respeito de sua função e significado.

Homero fala do coração apenas no sentido de coragem, ardor, sem, nunca, se referir a ele como o centro da circulação.

A Sagrada Escritura faz inúmeras referências ao coração e o considera o elemento essencial à vida. Porém, a teologia bíblica é muito mais rica quando lhe atribui um sentido figurado, moral ou psicológico. Assim, é o centro das faculdades espirituais, a sede do pensamento e da reflexão; é o lugar da sabedoria e da memória; é sede da vontade e princípio da ação. No coração estão as disposições da alma, que podem ser boas ou más. De acordo com a antropologia bíblica, o coração do homem é a própria fonte de sua personalidade consciente, inteligente e livre. É o lugar em que ocorrem suas opções decisivas. É o interior do homem no sentido mais profundo de sua pessoa, onde se recolhe e se vê frente a frente consigo mesmo; onde encontra seu Deus, com Ele conversa, com Ele se abre ou se fecha.

No entanto, o coração é inacessível aos olhos e só pode ser conhecido por meio das palavras e do comportamento do homem. Isso propiciou uma dissociação entre o interior e o exterior, entre o ser e o parecer; permitiu ao homem tornar-se dissimulado, deu-lhe a terrível possibilidade de se tornar dúplice. E essa duplicidade, essa capacidade de se tornar ambíguo, passou a estar presente no relacionamento entre os homens na sociedade, na política, na religião, dissociando a palavra da intenção, permitindo ao homem enganar a seu semelhante, dando-lhe a possibilidade de agir em proveito próprio, enquanto alega fins comunitários. Deu origem à mentira, estimulou a ambição, camuflou o egoísmo e preparou o terreno em que cresceram os grandes pecados contra a natureza e contra o próprio homem.

Nos ritos pagãos das antigas civilizações, o coração foi usado muitas vezes como oferenda aos deuses, nos sacrifícios que visavam propiciar vitórias ou boas colheitas.

Em certos povos – como os incas e os astecas –, fazia parte da tradição que o guerreiro comesse o coração do inimigo valente, pretendendo, com isso, adquirir o seu espírito e sua coragem; o nosso bom caipira, por motivos opostos, proibia os filhos de comerem o coração do frango.

Desde cedo se conheceu a estreita relação entre o coração e as emoções, fato bastante explorado pelo romantismo. A esse respeito, é curiosa a história de Erasítrato, famoso médico grego, que foi chamado à Babilônia para atender ao príncipe Antíoco, o qual definhava em um leito, vitimado por doença não identificada. Não foi difícil a Erasítrato diagnosticar o mal do príncipe quando, examinando-lhe o pulso, notou que este se acelerava bruscamente toda vez que entrava em seus aposentos a bela Estratônice, segunda esposa de seu pai.

A história, no entanto, é muito pobre em referências ao coração. Nenhuma vez assinala uma mudança importante em seu curso por problemas do coração, a não ser que se considere aqui a união do Egito ao Império Romano, feita por Antônio e Cleópatra, por exemplo.

Se, por um lado, a história não se modificou muito em seu curso por causa do coração, o contrário não se verifica: o coração se modificou muito, tem sofrido em demasia com a história do homem. Essa influência é tão grande que se pode dizer que o homem moderno repete o ritual de seus antepassados, oferecendo o seu coração em sacrifício aos novos deuses, que agora se chamam “dinheiro”, “status”, “poder”, pagando-lhes tributo pela civilização conseguida; e, como no mundo pagão, é muitíssimo comum, nos tempos atuais – como agradecimento ou pedido de proteção àqueles deuses –, encontrarem-se pequenos marcos, pequenos tubos metálicos, como se fossem oferendas religiosas, dispostos ao longo desse caminho sagrado que se chama artéria coronária. De tal modo o coração está ligado àqueles deuses que, hoje, os que os cultuam e pertencem à sua confraria, trazem no próprio corpo, como os antigos iniciados, os estigmas desse culto: uma pequena cicatriz na prega do cotovelo, por meio da qual os novos sacerdotes, com a ajuda de fluidos, filtros e fórmulas mágicas, procuram exorcizar os demônios que se apossaram do coração do homem; outros, que mergulharam mais profundamente no seu

culto, ostentam, com orgulho, enormes cicatrizes que lhes tomam toda a altura do peito e que foram feitas em um demorado e minucioso ritual, executado em um altar imensamente asséptico.

A pedagogia antropocêntrica ensina que a evolução do homem a partir das formas inferiores não é apenas quantitativa, mas também de qualidade; que a transição da animalidade para a humanidade é uma mudança de gênero, e não apenas de grau. Houve um momento, na passagem da natureza para a cultura, em que o instinto foi substituído pelo raciocínio e, a partir daí, de modo gradual, a inteligência passou a influir cada vez mais e de modo decisivo na vida do homem. O intelecto, pouco a pouco, analisou a vida com objetividade, setorizou o homem em sua estrutura e funções, classificou com lógica os seus desejos e necessidades, e equacionou, cientificamente, o sentido de sua existência. No entanto, esse domínio da inteligência não foi capaz de manter o equilíbrio do ser como um todo, não substituiu o primitivo instinto na satisfação básica das necessidades do homem.

Nós, homens, confiamos demais em nossa inteligência. No entanto, a razão apreende apenas parte da realidade. Grande parte da percepção do mundo escapa ao seu alcance. Fora da inteligência, há outras maneiras, não racionais, de sentir o mundo: a intuição, a empatia, a oração, a poesia, o amor.

A condição de bem-estar, de equilíbrio, de felicidade está mais na dependência de funções sensitivas que intelectuais.

Fernando Pessoa faz alusão a isso em seus “Poemas Inconjuntos”:

“Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.
Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.
Ter consciência é mais que ter cor?
Pode ser e pode não ser.
Sei que é diferente apenas.
Ninguém pode provar que é mais por ser só diferente.”

Ou ainda, em outro fragmento:

“Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade.”

O equilíbrio que dá tranquilidade ao indivíduo origina-se das camadas mais profundas de sua personalidade,

de estruturas mais antigas, anteriores ao intelecto; esse equilíbrio se apóia na alma afetiva, no pneuma, o qual os antigos acreditavam nascer do coração. Goethe, poeta-filósofo alemão, confere essa idéia a um de seus personagens: “Ela aprecia mais minha sabedoria e meus talentos que este coração que, entretanto, é meu único orgulho (...) O que sei, qualquer um pode saber – meu coração só eu o tenho”.

O homem procurou impor outra ordem e ritmo ao mundo, seguindo sua inteligência e seu desejo; com isso, desestabilizou o sistema e se colocou fora de sintonia com o universo, tornando-se, segundo Albert Camus, o único ser estranho, o único estrangeiro que habita este planeta. Modificou seu vestuário, sua habitação, seu comportamento social; mexeu na flora, na fauna, no ambiente físico. De um modo ou de outro, foi se ajustando a essas novas situações. Porém, existe uma defasagem na velocidade entre a mudança tecnológica, a social e a biológica. Essa mudança do meio externo modificou o meio interno do homem, influiu no seu metabolismo e bioquímica, fez com que a homeostasia se equilibrasse em um outro patamar. Em conseqüência, surgiram condições novas, como hipertensão, doenças coronarianas, acidente vascular cerebral, depressão nervosa e neuroses diversas. O homem passou a sofrer pressões a que não estava habituado, passou a ser solicitado e modificado rápida e continuamente pelas condições de vida e trabalho que ele próprio criara.

O homem aprendeu muito bem a ciência das coisas, mas está atrasado no conhecimento de si próprio e no que diz respeito ao relacionamento entre os seres. A ordem e o ritmo que impôs à sua vida não são os próprios da sua biologia. Há uma agitação constante, mudanças rápidas demais. O homem criou um mundo em que as coisas se transformam de maneira muito acelerada, em que nada é duradouro, em que tudo é transitório. Hoje, o homem vive na era da impermanência.

O homem desempenhou o papel de aprendiz de feiticeiro e desencadeou forças e processos que não mais consegue dominar. Criou um mundo incoerente para se viver, mundo em que, a par de uma explícita aspiração de paz, se encontra o absurdo gasto militar; em que os medicamentos mais vendidos são anti-hipertensivos, drogas para as coronárias, tranqüilizantes e antidepressivos, remédios que usam, ironicamente, para tratar doenças produzidas pela própria civilização. Mundo em que

pobres favelas coexistem, lado a lado, com majestosos condomínios de alto luxo, e os Meninos Cantores de Viena encantam platéias altamente elegantes e educadas ao mesmo tempo em que mísseis assobiam sobre a tragédia absurda e insensata do Oriente Médio.

A ciência atual conhece muito bem a estrutura e funcionamento do coração: sua anatomia, química, fisiologia são conhecidas em grande extensão e profundidade. Hoje, já não se acredita que o coração seja o repositório da nossa esperança e da nossa memória. Isso pertence ao passado, a uma época obscura da ciência; e o homem moderno, sem a memória que o prende ao passado e a esperança que o liga ao futuro, flutua solto, ao sabor da vaga e do vento, sem amarras, sem pontos de referência, no mar encrespado da angústia, no abismo da solidão.

Lemos no Livro de Gêneses que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e que, depois, “contemplou toda a sua obra e viu que tudo era muito bom”. A mitologia clássica está repleta de histórias de homens que conviviam com os deuses, os quais habitavam a terra. Se tomarmos essas narrativas como revelações divinas – como quer a religião – ou como expressão do inconsciente coletivo – como arquétipos junguianos – como ensina a psicologia profunda, então o homem teve a experiência de deuses, viveu entre eles, conviveu em uma terra que se chamava paraíso.

“Para ti
Outrora os deuses povoaram a terra.
Lá no alto
Na imensidão da noite antiga
Quer crepitassem estrelas
Quer o silêncio escoasse lentamente
Tranqüilo era o sono dos homens”.

Se compararmos essa terra com a de hoje, habitada por homens insatisfeitos, egoístas, ambiciosos, praticantes de uma solidariedade festiva, ocasional e promocional, muitas vezes angustiados – assustados ou violentos –, pode-se duvidar que esses milênios de civilização representem, de fato, progresso para a alma, para a esfera afetiva da condição humana, para a sua qualidade de vida.

Mais importante que a existência do ser, em si mesmo, é o relacionamento entre os seres. É o campo físico-inteligente-emocional criado pela interação do homem com a sua comunidade e com tudo que o cerca. Campo

que propicia a amorização entre as pessoas e com tudo o que existe.

Para se viver bem, com boa qualidade de vida, mais importante que viver é conviver. É compartilhar a vida, plenamente, em sua ampla e variegada manifestação.

“O homem só precisa de paz para viver. A alegria de viver vem através da paz, que não é estática, mas dinâmica. Nenhum homem pode dizer que sabe o que é a alegria, antes de ter experimentado a paz. E, sem alegria, não há vida, mesmo que você tenha uma dúzia de carros, seis mordomos, um castelo, uma capela privada e um abrigo anti-aéreo.”

Khaled Hosseini – que é médico – conta, em seu romance *O caçador de pipas*, a seguinte lenda: “Um homem encontra um cálice mágico e fica sabendo que, se chorar dentro dele, suas lágrimas vão se transformar em pérolas. Mas, embora tenha sido sempre pobre, ele era feliz e raramente chorava. Tratou, então, de encontrar meios de ficar triste para que suas lágrimas pudessem fazer dele um homem rico. Quanto mais acumulava pérolas, mais ambicioso ficava. A história termina com o homem sentado em uma montanha de pérolas, segurando uma faca na mão, chorando, inconsolável dentro do cálice e tendo nos braços o cadáver da esposa que tanto amava”.

Mais adiante, no desenrolar do romance, um dos personagens questiona se é sempre necessário estragar a vida para ganhar dinheiro. Pergunta se não há maneiras mais simples de fazê-lo. “(...) O que eu queria perguntar é por que o homem matou a esposa. Na verdade, por que ele precisava estar triste para derramar lágrimas? Será que não podia simplesmente cheirar uma cebola?”.

Estudos socioeconômicos mostram que para uma boa qualidade de vida, para ser feliz, é necessária a participação simultânea de duas vertentes. Em uma destas está o dinheiro. Sem um mínimo de ganho é muito difícil ser feliz. No entanto, esse ganho mínimo já foi calculado em números e é acessível à grande parte dos que trabalham, particularmente a nós, médicos, que trabalhamos muito.

Se você ganhar mais que esse mínimo necessário – pouco mais ou muito mais – esse adicional não trará nenhum aumento no grau de sua felicidade.

Esse estudo mostrou um fenômeno imprevisto: se você é consumista, tem dinheiro e paixão por comprar, à medida que aumenta o gasto e a aquisição de bens, aumenta o consumo, diminui o seu prazer decorrente do ato de consumir.

A esse fenômeno se chamou “prazer marginal decrescente”.

A percepção do “prazer marginal decrescente” veio contrariar a palavra de ordem da sociedade consumista, cujo lema é “Compre e seja feliz”.

Na ânsia de progredir, o homem se afastou demais de sua terra.

Na ânsia de progredir, muitas vezes, chegou ao topo da pirâmide social. Para isso, dedicou-se a um trabalho insano, teve preocupações excessivas; sacrificou férias, lazer, fins de semanas; abriu mão do convívio de amigos e, até mesmo, do convívio familiar. Mas chegou ao apogeu da carreira, de onde ostenta todo seu orgulho pelo poder e riqueza tão arduamente conquistados. Contudo, não percebe que apogeu – a palavra apogeu –, etimologicamente, significa o lugar mais afastado, mais distante e isolado da terra e da humanidade.

Viver é uma arte que só se aprende vivendo, do mesmo modo que amar só se aprende amando. Infelizmente, com frequência, percebemos isso tardiamente, quando não há mais tempo para recomeçar.

O homem cresceu muito e se separou de suas raízes. Porém, “ser humano é estar imerso, implantado, enraizado na terra, na trivialidade cotidiana do mundo (a palavra ‘humano’ contém em si ‘húmus’, o latim para ‘terra’). Uma filosofia que abstrai, que procura elevar-se acima da cotidianidade da rotina, é falsa, é vazia”.

Na outra vertente, necessária para se chegar à felicidade, está a saúde. Sem saúde, também torna-se muito difícil ser feliz.

Contudo, nessa segunda vertente, estão inseridas outras condições que, se não forem cuidadas, não se chegará a ser feliz. Aí está o elemento emocional, próprio do homem, as condições que pertencem ao espírito, à sua alma. Condições que precisam ser monitorada se dirigidas. É preciso *limitar ambições, restringir a inveja e agressividade, modular desejos e perspectivas*; ter idéia clara de seus dons e possibilidades. Embora tendo pela frente um horizonte imenso, deve-se saber reconhecer os seus limites e aceitar, prazerosamente, viver dentro deles. Exercitar a generosidade, o espírito comunitário, o espírito de participação, a disposição maior de contribuir que de usufruir.

No catecismo nos ensinaram que a palavra religião significa re-ligar, ligar outra vez. Com o pecado original, o homem se afastou de Deus; a religião proporcionou-lhe a oportunidade de se ligar a Ele novamente.

No entanto, há outra interpretação etimológica para a palavra religião. A partícula “re” – o prefixo “re” – não significaria “outra vez”, mas, sim, ligar-se àquilo que veio antes, que nos precedeu, àquilo que está atrás.

Assim, o homem se liga a seus pais, avós, a todos os seus antepassados. Em continuidade, na escala evolutiva, aos homínídeos e a todos os seres vivos e coisas inanimadas que o precederam.

Existe um substrato comum ao homem e a tudo que é vivo. Há uma herança comum de aminoácidos, proteínas, fragmentos do código genético a toda vida que existe ou existiu no planeta. Essa herança – que liga todos os seres vivos – não será apagada nunca por nenhuma cultura ou história.

Embora seja um organismo altamente elaborado, o homem teve a mesma origem comum de tudo que existe – o magma primordial, o vazio quântico, as partículas fundamentais do cosmos –, aquilo que Teilhard de Chardin chamou de “estofa do universo”, com sua infinita potencialidade, com sua imensa capacidade de vir e ser. “Estofa do universo” – de onde tudo se originou, de onde tudo veio, e para onde tudo voltará, ciclicamente, em um eterno retorno.

Nessa visão de mundo, o homem não existe por si só. Faz parte de um todo imenso, que abarca tudo; está imerso, profundamente, no mundo vivo e inanimado, inserido no absoluto.

Note-se que, em algumas religiões, a palavra ‘Absoluto’ é uma das denominações de Deus.

Ortega y Gasset, filósofo espanhol, definiu o homem a partir dessa concepção quando disse: “Yo soy yo y mi circunstancia”.

O homem cresceu muito e adoeceu; e, nesse momento, perdeu não apenas a saúde, mas se tornou prisioneiro de si mesmo, pois a doença é, também, uma patologia da liberdade. Curar, salvar, libertar aspirações máximas da medicina, da religião e da política são étimos diferentes, palavras diversas, mas que têm o mesmo significado: restabelecer o equilíbrio do homem consigo mesmo e com

seu ambiente. É restituir ao homem a harmonia para que este possa ter paz e felicidade.

Com sua inteligência e arte, o homem construiu uma estrada admirável de progresso que lhe propiciou conforto, possibilidade de saúde e alegria de uma vida longa, saudável e feliz.

Entretanto, a construção dessa maravilhosa estrada de progresso tem exigido demais do homem em trabalhos, preocupações e intranqüilidade.

Com isso, o tem afastado de uma vida mais simples, calma, natural; passou a ter uma vida que está em desacordo com seu ritmo biológico e com as necessidades fundamentais de sua esfera afetiva.

Hoje, cinco séculos depois, Bertold Brecht ainda ouve a voz de Galileu dizendo:

“Talvez, com o tempo, descubrais tudo aquilo que se pode descobrir, e, contudo, o vosso progresso não será mais do que uma progressão, deixando a humanidade sempre cada vez mais para trás. A distância entre vós e ela pode, um dia, tornar-se tão profunda que o vosso grito de triunfo diante de alguma conquista poderia receber como resposta um grito universal de pavor”.

Seria bom que essa magnífica estrada tivesse, de espaço a espaço, saídas laterais capazes de conduzir a estradas secundárias, menos turbulentas, em que se possa viajar com menos pressa, em condições de apreciar a beleza da paisagem que a vida nos oferece. Saídas laterais que conduzam a áreas seguras e tranqüilas, nas quais se possa desfrutar os prazeres simples da cordialidade, generosidade, do companheirismo, da amizade; alimentar sonhos e viver em toda a sua plenitude, a capacidade de amar.

Saídas que permitam um retorno. Retorno a uma vida mais simples e calma, retorno às coisas do seu coração.

Hudson Hübner França

Professor de Medicina

Aula de encerramento do Curso de Medicina

51ª Turma

Faculdade de Medicina de Sorocaba

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinamateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.